

Concertos de Domingo



GULBENKIAN
MÚSICA

19 jan 2020



19 JANEIRO
DOMINGO

12:00 / 17:00

Grande Auditório

Concertos de Domingo

Orquestra Gulbenkian

Paolo Bortolameolli Maestro

Iva Barbosa Comentadora

MÚSICA E CIÊNCIA *

Raquel Oliveira

A “dança” dos cromossomas.

Manuel de Falla

El Amor Brujo: Danza Ritual del Fuego c. 4 min.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

O Quebra-Nozes: Suite n.º 1, op. 71a c. 23 min.

1. *Abertura miniatura*
2. *Danças características*
 - Marcha*
 - Dança da Fada do Açúcar*
 - Dança russa (Trepak)*
 - Dança árabe*
 - Dança chinesa*
 - Dança dos mirlitons*
3. *Valsa das flores*

Jean Sibelius

Valsa Triste, op. 44 n.º 1 c. 5 min.

Zoltán Kodály

Danças de Galanta c. 15 min.

IMAGEM DE CAPA: O QUEBRA-NOZES
NINA TIMOFEYeva E IGOR UKSUSNIKOV,
1955 © DR

Duração total prevista: c. 1h
Concerto sem intervalo

* Com a colaboração do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Nos Concertos de Domingo, investigadores do IGC
falam sobre a relação entre música e ciência.

Quis o acaso que, em 1891, o compositor russo **Piotr Ilitch Tchaikovsky** (1840-1893) descobrisse em Paris um instrumento chamado celesta. A celesta tinha sido inventada apenas cinco anos antes por Auguste Mustel e soava a “algo entre um piano e um metalofone, com um tom divinamente belo”, escreveu Tchaikovsky ao seu editor Pyotr Jurgenson. Nessa missiva, Tchaikovsky pedia a Jurgenson que lhe comprasse uma celesta para o novo ballet em que estava a trabalhar, mas que mantivesse essa aquisição sob o mais completo segredo. A sua preocupação, escrevia ainda, era que Rimsky-Korsakov ou Glazunov, dois outros eminentes compositores russos do final do século XIX, pudessem inteirar-se da sua ideia e ultrapassá-lo na utilização dessa solução musical. “Espero que o instrumento seja uma enorme sensação”, concluía. A celesta

inspiraria Tchaikovsky na escrita do famoso solo de *O Quebra-Nozes* (1892), incluído no movimento *Dança da Fada do Açúcar*, uma das mais encantadoras passagens do ballet. E o compositor conseguiria alcançar o efeito de novidade pretendido, cativando o público com uma sonoridade feérica que, à altura da estreia, era inaudita. Ao longo dos anos, a celesta tornar-se-ia um instrumento mais comum nas peças orquestrais, figurando, por exemplo, num dos temas principais da banda sonora da saga *Harry Potter*.

O apelo de compor para os palcos das grandes companhias de ballet é uma das mais intensas fontes de inspiração para a criação de grandes peças musicais do repertório clássico. Tal como Tchaikovsky, também o compositor espanhol **Manuel de Falla** (1876-1946) não resistiu a criar a música que ilustra a história de uma cigana andaluza atormentada pelo fantasma do seu falecido marido, com o qual dança todas as noites, em *El Amor Brujo: Danza Ritual del Fuego* (1915). Neste caso, tratar-se-ia de um ballet criado para Pastora Imperio, a mais prestigiada bailarina de flamenco na primeira metade do século XX.

A música cigana foi também a fonte criativa de **Zoltán Kodály** (1882-1967) para a composição das *Danças de Galanta*, em 1933. Na sua obra orquestral, o compositor húngaro recorreu às melodias que primeiro ouviu na sua infância, tocadas por uma banda cigana da cidade de Galanta (situada na atual Eslováquia). Outros palcos, porém, exerceram um magnetismo semelhante em compositores do mesmo período. O finlandês **Jean Sibelius** (1865-1957), por exemplo, compôs *Valsa Triste* para embelezar e colorir a peça de teatro *Kuolema* (Morte) do seu cunhado Arvid Järnefelt. Só que, desta vez, a música autonomizou-se e *Valsa Triste* ganhou uma vida de concerto muito além daquela que Sibelius tinha previsto. O impulso inicial, no entanto, não se perdeu e estes são quatro excelentes exemplos de como a escrita para as artes de palco pode, por vezes, fornecer o contexto perfeito para peças que aprendemos a admirar de forma independente.

© DR



Paolo Bortolameolli

De ascendência chilena e italiana, Paolo Bortolameolli diplomou-se em Piano pela Universidade Católica do Chile (2006) e em Direção de Orquestra pela Universidade do Chile (2011). Obteve o *Master of Music* da Yale School of Music (2013) e o *Graduate Performance Diploma* do Peabody Institute (2015). É Maestro Assistente da Filarmónica de Los Angeles e Maestro Convidado em Residência da Orquestra of the Americas. Dirigiu as principais orquestras chilenas e foi distinguido três vezes pela Arts Critics Association como “Maestro do Ano”. A presente temporada inclui várias atuações em Los Angeles e colaborações com as Sinfónicas de Houston, Cincinnati, Detroit e Vancouver, a Orchestra della Toscana (Florença), a Orquestra Gulbenkian e a Orchestra of the Americas (México). Estreia-se à frente da Filarmónica de Hong-Kong e regressa à Orquestra Sinfónica Nacional do Chile para dirigir *O Mandarim Maravilhoso* de Bartók e à Orquestra Filarmónica do Chile para dirigir a 7.ª Sinfonia de Mahler. Dirigiu recentemente, entre outras, a Orquestra Sinfónica Simón Bolívar (Venezuela), a Orquestra Filarmónica de Buenos Aires (Argentina) e a Orquestra Sinfónica de Minería (México). Dedicar-se à nova música e aos novos públicos, tendo desenvolvido projetos como *RiteNow*, uma celebração do 100.º aniversário de *A Sagração da Primavera*, e *Ponle Pause*, um projeto que procura revolucionar o conceito de educação musical através da implementação de vídeos e de concertos dirigidos aos utilizadores das redes sociais. Em 2019, dirigiu a ópera *ATLAS*, uma marcante nova produção de Meredith Monk, apresentada no Walt Disney Concert Hall de Los Angeles.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas. Esta constituição pode ser pontualmente expandida, permitindo interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em colaboração com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

MECENAS
CICLO PIANO

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

THE
NANIGATOR
COMPANY

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

SANTA
CASA
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

pwc

BPI